

## ALBERTO CAEIRO: VER PARA PENSAR SEM PEN(S)AR

*Isabelle Meira Christ*  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ  
[isabellemchrist@yahoo.com.br](mailto:isabellemchrist@yahoo.com.br)

*O múltiplo já não é justificado do Uno nem o devir, do Ser. Mas o Ser e o Uno fazem melhor do que perder o seu sentido; tomam um novo sentido.*  
Gilles Deleuze

### **Resumo**

Esse artigo faz uma análise do heterônimo, de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro. O que nos interessa, nos textos do poeta de *O guardador de rebanhos*, é uma forma de ver, com sentidos ampliados, que estabelece um diferencial na forma de pensar – são os pensamentos-sensações.

**Palavras-chave:** Alberto Caeiro, diferença, heterônimos, pensar, ver.

### **Résumé**

Cet article fait une analyse du hétéronyme, de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro. Ce qui nous intéresse, dans les textes du poète de *Le gardeur de troupeaux*, c'est une façon de voir, avec sens élargis, qui établit un différentiel dans la manière de penser – c'est sont les pensées-sensations.

**Mots-clés:** Alberto Caeiro, différence, hétéronymes, penser, voir.

## INTRODUÇÃO

Seduzidos pela obra de Fernando Pessoa iniciamos esse percurso. A possibilidade de compreender, mesmo que seja uma pequena parte de seus escritos, funciona como uma espécie de força que nos lança à frente.

De forma semelhante aos heterônimos de Pessoa, queremos ver “como” o mestre Caeiro – saber sem saber, pensar sem “pen(s)ar”. Mas...Ah, a vontade de saber, de explicar, analisar! Diríamos, mesmo, que por vezes nos comportamos como uma pobre ceifeira; no entanto, outras tantas queremos dar a mão à ciência com medo das dores que a consciência pode-nos trazer. Pensamos nisso e sofremos.

Pobre ceifeira! Ou, pobre de nós por não sabemos ver as coisas como elas são! Caeiro nos ensinaria: é preciso ver e não pensar. Todavia, o que é ver realmente? O que é pensar para Caeiro? Por que ele é considerado o mestre dos heterônimos?

Nesse artigo, buscamos responder a essas interrogações brevemente, tencionando chegar à idéia, que parece ter nos levado a Caeiro, a de diferença. Contaremos com o auxílio da filosofia de Gilles Deleuze e de José Gil ao desdobrar uma questão de suma importância: Como a forma de ver do mestre permite que ele veja as coisas sempre “pela primeira vez” – diferentes? como lhe permite sabê-las singulares? Para tanto, utilizaremos alguns trechos dos poemas de Caeiro e referências de outros heterônimos ao mestre.

“Ver como pela primeira vez” sem pe(n)sar, só ver, esse será nosso norte e sensações, a bússola.

## I - AS DOBRAS: OS HETERÔNIMOS LITERÁRIOS

Pessoa é bastante conhecido pelos seus vários *eus*. Escrevia por si e “por outros”: pelos heterônimos literários, que também eram ele sem o serem e escreviam. Complicado? Sim, se pensarmos no sentido da palavra plicar (=dobrar), *com-plicar* seria dobrar junto. Ora, cada heterônimo aparece como uma dobra – modos de ser, de existir – que se desdobra ao infinito. Isso é bem mais do que um pseudônimo (falso nome). Segundo Mário Bruno: “Fernando Pessoa, em *Os Graus da Poesia Lírica*, chegou a estabelecer as fases de despersonalização necessárias ao fazer poético, sendo para ele a heteronímia o grau mais elevado” (BRUNO, 2008, p.172). E José Gil comenta a clara distinção feita por Pessoa entre homonímia e heteronímia, observemos:

Sobre a diferença entre pseudonímia e heteronímia, Fernando Pessoa explicou-se suficientemente bem nas primeiras linhas de *Tábua Bibliográfica*: a dobra pseudónima é a do “autor na sua pessoa”, mas com um nome diferente; a obra heterónima pertence a um autor “fora da sua pessoa”, constituindo cada heterônimo uma individualidade completa, fabricada por ele, como seriam as personagens de qualquer drama”. (GIL, s.d., p. 204-5)

De acordo com Bruno, os heterônimos são personagens autônomos, são um constante devir, são múltiplos, ou melhor, múltiplas sensações em blocos:

A heteronímia permite variar as emoções e separar-se delas, através de diversos personagens que ganham autonomia. O “devir-heterônimo” ultrapassa o “devir-outro” ao criar multiplicidades. A heteronímia gera heteronímia. O heterônimo é

um bloco puro de sensações, portanto uma forma radical de rompimento com a identidade Eu = Eu. (BRUNO, 2008, p. 172)

Os heterônimos na obra de Pessoa são “dobras”, modos de ser, de existir. Cada heterônimo funciona como um bloco de sensações, eles têm vida, estão além do seu autor, são além dele e se desdobram até o infinito, se diferem. Como o próprio Pessoa parece ter dito, estão fora de sua pessoa. Mas até que ponto os heterônimos estão realmente fora?

## **1 - MESTRE? QUEM É O MESTRE? POR QUÊ?**

De acordo com Gil, Alberto Caeiro é o mestre por ser o único heterônimo totalmente exterior. O poeta bucólico consegue perceber a singularidade das coisas devido à sua forma de ver, apenas ver, que se realiza neutra. No entanto, precisamos entender melhor o que seria ver para Caeiro e como sua forma de ver faz com que ele alcance a exterioridade, a diferença absoluta.

Em seu livro *Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa*, Gil desenvolve um estudo sobre ontologia e metafísica na poesia de Fernando Pessoa. Para realizar tal tarefa, recorreu à filosofia de Gilles Deleuze, por acreditar numa extraordinária convergência entre o pensamento desse filósofo e o do poeta: “Creio que ambos visam os mesmos objetivos: acabar com a transcendência metafísica (pelo menos num certo Pessoa), pensar e escrever (produzindo multiplicidades) na imanência” (GIL, s.d., p.14). Nesse livro, em relação à obra de Pessoa, entre outras coisas, Gil interroga “por quê um mestre?”, e, sobre os heterônimos e o mestre Caeiro, interroga “o que os distingue?” e, ainda, “como os heterônimos, que devém do mestre, figura harmoniosa, vivem sob o regime da cisão e do desassossego?” Dessa forma, Gil atenta especialmente em Caeiro e em sua forma de ver, aproximando sempre filosofia e literatura, buscando responder às suas questões.

### **Sobre a “gênese” de Caeiro: a heterogênese**

Pessoa diz, em carta a Adolfo Casais Monteiro, ter escrito “trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase (...)” (PESSOA apud BERARDINELLI, 2004, p.95) cuja natureza não conseguiria definir. Foi, nesse “dia triunfal” (8 de março de 1914) que apareceu Alberto

Caeiro em Fernando Pessoa, assim que este abriu os poemas com o título *O guardador de rebanhos*. Depois de escritos os poemas de Caeiro, Pessoa relata ter escrito, a fio também, os seis poemas de *Chuva oblíqua* (Pessoa ele só) em reação ao poeta bucólico, numa espécie de retorno a si. No entanto, segundo Cleonice Berardinelli, “Não é verdade que tenha escrito dum jato os ‘trinta e tantos poemas’ de *O guardador de rebanhos*, disso temos certeza. Não será, provavelmente, verdade que lhe tenha saído ‘imediatamente e totalmente’ a ‘Chuva oblíqua, (...)’” (BERARDINELLI, 2004, p. 143); Gil comenta: Pessoa “havia já escrito uns quantos poemas (datados de 4 a 7 de março, sobretudo)” (GIL, s.d., p.44) de *O Guardador de Rebanhos*. “Mas que importa que nem tudo seja verdade?” (BERARDINELLI, 2004, p. 143). Para Gil, o fingimento do escritor, além de não tirar em nada a veracidade intuitiva que constrói Caeiro, ainda indica que o mestre já “existia antes de existir”, “pré-existia a si mesmo” (GIL, s.d, p.44), e Pessoa o sabe, pois integra ao conjunto de poemas inaugurais os posteriores a 8 de março:

Ou seja, não há propriamente uma gênese ou origem absoluta, mas de repente uma convergência de elementos dispersos e heterogêneos que continham já os ingredientes que os vão unir. Não me refiro apenas ao plano poético, mas a múltiplos outros – filosófico, esotérico, religioso, messiânico, político –, de que Caeiro representa o cruzamento (não a síntese ou a solução). (Ibidem, p. 144)

De acordo com Gil, não haveria uma origem absoluta, uma gênese propriamente de Caeiro; mas sim uma “heterogênese” (Um conceito deleuziano, ver Gil, s.d., p. 45); visto que não existiria uma idéia central em torno da qual haveria se formado o pensamento do poeta. Caeiro teria se formado a partir de múltiplos elementos em convergência, de um cruzamento de elementos heterogêneos. Gil aponta para o fato de os poemas datados de antes de 8 de março – apesar de já desdobrarem grandes temas, tais como: o nominalismo, a visão da Natureza, a imanência da escrita – não explorarem de forma segura a idéia de que “os pensamentos são todos sensações” e, “sobretudo, o grande gesto que liga *todos* os temas, e que surge desde os versos iniciais do poema I do *G.R.*: a ontologia nominalista da diferença, suportada pela visão de uma existência pura” (GIL, s.d., p. 45). Vejamos os versos a seguir:

#### XIV

Não me importo com as rimas. Raras vezes  
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.  
Penso e escrevo como as flores têm cor  
Mas com menos perfeição no meu modo de exprimir-me  
Porque me falta a simplicidade divina

De ser só o meu exterior  
Olho e comovo-me  
Comovo-me como a água corre quando o chão é inclinado  
E o que escrevo é natural como o levantar do vento ...  
(PESSOA, 1999, p.204)

Assim, como Gil nos faz observar, por exemplo, “Caeiro-formado” (depois de 8 de março) não escreveria: “Raras vezes/ Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra” (7 de março), pois para ele não há duas árvores iguais. O que podemos confirmar num dos versos de *Poemas inconjuntos*, datado de 7 de novembro de 1915, e portanto, de Caeiro “formado”: “Compreendi que as cousas são reais e todas diferentes umas das outras;” (Ibidem, 1999, p. 237). No entanto, nos últimos versos do poema XIV, o mesmo poema que fala árvores iguais, já encontramos um pensamento autêntico caeiriano: “Olho e comovo-me/ Comovo-me como a água corre quando o chão é inclinado/ E o que escrevo é natural como o levantar do vento ...”.

Caeiro surgiu no decurso de um processo de construção, vimos que ele pré-existia, existia antes de existir em 8 de março de 1914; por isso, torna-se muito difícil analisar a “gênese” de Caeiro pela datação, determinar o que precipitou, realmente, a construção do primeiro heterônimo. Alberto Caeiro “começa ‘no meio’ (começa-se sempre pelo meio’, diz Deleuze) de um processo que vinha se desenrolando havia anos.” (Gil, s.d., p. 47). Não há como marcar uma data fixa no tempo sobre a origem de Caeiro:

O passado, que constitui a verdadeira origem de Alberto Caeiro, pela sua heterogeneidade e por impedir a determinação de uma data fixa no tempo, faz do nascimento dos heterônimos uma autêntica heterogênese (...). (Ibidem, p. 47)

Em Caeiro realiza-se a “convergência de três planos: o do pensamento ‘metafísico’, o da experiência das sensações e o da construção da escrita.” (ibidem, p.47-8) Essa convergência cria um só plano de imanência “em que escrever é tão natural quanto passar o vento, (...) como o sentir-pensar, absolutamente integrado no ver...” (Ibidem, p.48). Caeiro seria a descoberta do plano de imanência, explica Gil, “que reúne em si outros planos (e imanências) na Natureza, ‘partes sem um todo’, plano único de todos os planos.” (Ibidem, p. 48). De Caeiro devém os outros heterônimos, ele é o primeiro heterônimo; mas ele começa pelo meio, pois aparece a partir de um processo heterogêneo, surge na convergência de elementos que se cruzam num só plano. Os outros heterônimos também nasceriam a partir de um processo heterogêneo, todos são influenciados pelo mestre; mas desfazem a convergência

dos elementos que os compõem em pares opositivos. Pessoa ortônimo, por exemplo, separa sensação e pensamento.

## 2- ALBERTO CAEIRO: SENTIDOS AMPLIADOS

O MEU OLHAR é nítido como um girassol.

Alberto Caeiro

### O pismo essencial

Caeiro é aquele que vê todas as coisas da Natureza como diferentes e necessárias, sem ressentimento, sem falta, pois: “Basta existir para ser completo” (Ibidem, p.234) e até mesmo a tristeza, a chuva e a morte possuem um caráter afirmativo em seus poemas, são necessárias, são naturais: “Minha tristeza é sossego/ Porque é **natural e justa**” [grifo nosso] (Ibidem, p.203); “Saúdo-os e desejo-lhes sol, /**E chuva, quando a chuva é precisa**” [grifo nosso] (Ibidem, p.203); e em relação à morte, diz:

O que é preciso é ser-se natural e calmo  
Na felicidade ou na infelicidade,  
Sentir como que olha  
Pensar como quem anda,  
E quando se vai morrer, lembrar-se de que o dia morre,  
E que o poente é belo e é bela a noite que fica...  
Assim é e que seja...  
(Ibidem, p. 216)

A visão do poeta sobre a morte é tão bela que faz-nos parecer necessária como um dia que termina. Mas Caeiro nos diria até que não há beleza, as coisas “têm cor e forma/ E existem apenas” (Ibidem, p. 218), enfim, existem, são necessárias. Caeiro afirma o acaso da Natureza, como uma espécie de ética. Sim, visto que ele procura viver espontaneamente, naturalmente, afirmando o acaso; isso seria bem mais do que uma filosofia (ele não têm filosofia “tem sentidos”) seria uma maneira ética de existir e de ver.

Caeiro não quer acrescentar imaginação à Natureza, nem clichês, procura ver as coisas como elas são, por isso quer se despir das significações, dos sentidos prévios, para ver, só ver e sentir:

Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!),  
Isso exige um estudo profundo,  
Uma aprendizagem de desaprender  
E um seqüestração na liberdade daquele convento  
De que os poetas dizem que as estrelas são freiras eternas

E as flores as penitentes convictas de um só dia,  
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas  
(Ibidem, p. 217)

Para o mestre é preciso uma “aprendizagem de desaprender”, para não se aprisionar às metáforas desgastadas (“De que os poetas dizem que as estrelas são freiras eternas/ E as flores as penitentes convictas de um só dia”), aos estratos que nos impedem de ver as coisas na sua nudez:

Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: –  
As cousas não têm significação: têm existência.  
As cousas são o único sentido oculto das cousas.  
(Ibidem, p. 223)

Mas é claro que não é fácil, é preciso se livrar do fato que os homens nos fazem vestir:

Procuró dizer o que sinto  
Sem pensar em que o sinto.  
Procuró encostar as palavras à idéia  
E não precisar dum corredor  
Do pensamento para as palavras  
Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.  
O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado  
Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar

Procuró despir-me do que aprendi  
(Idem, p. 226)

Ora, Caeiro quer apreender a singularidade de cada coisa, fora de qualquer significação comum. Mas o que é desaprender a ver? Despir-se do que se aprendeu?

Essencialmente, agir sobre o sentido constituído visando desagregá-lo; assim limpa-se o terreno no qual a visão irá incidir. Dois momentos, um negativo e o outro positivo, e que no entanto coincidem: vê-se cada vez melhor, à medida que ocorre a desestruturação. (GIL, s.d., p. 23)

Caeiro quer abrir o olhar à realidade nua das coisas: “captar a existência de uma coisa, ou seja, a sua singularidade” (Ibidem, p. 26). Ver seria isso. Para tanto, realiza um processo de desterritorialização, agindo sobre o sentido constituído, desmistificando-os; o que o permite ver as coisas como elas são, na sua existência pura. Ver como pela primeira vez:

O MEU OLHAR é nítido como um girassol.  
Tenho costume de andar pelas estradas  
Olhando para a direita e para a esquerda,  
E de vez em quando olhando para trás...  
E o que vejo a cada momento  
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,  
E eu sei dar por isso muito bem...  
Sei ter o pasmo essencial  
Que tem uma criança, se, ao nascer,  
Reparasse que nascera deveras...  
Sinto-me nascido a cada momento  
Para eterna novidade do Mundo...  
(PESSOA, 1999, p. 205)

Caeiro é “(...) amigo da sabedoria (...) aquele que se reclama da sabedoria, mas como se reclama de uma máscara na qual não se sobreviveria; aquele que faz servir a sabedoria a novos fins, bizarros e perigosos, em verdade bem pouco sábios. Pretende que ela se supere e seja superada” (DELEUZE, s.d., p. 12), propõe uma nova forma de pensar que é livre, pensar com os sentidos. Mas com os sentidos ampliados, porque fora de qualquer significação comum, e, isso permite o poeta ver a cada momento o que nunca tinha visto:

Aprecio a tua presença só com os olhos  
Vale mais a pena ver uma cousa sempre pela primeira vez que conhecê-la,  
Porque conhecer é como nunca ter visto pela primeira vez,  
E nunca ter visto pela primeira vez é só ter ouvido contar.  
(PESSOA, 199, p. 231)

O mistério das cousas? Se lá o que é mistério!  
O único mistério é ter quem pense no mistério.  
Quem está ao sol e fecha os olhos,  
Começa a não saber o que é o sol  
E a pensar muitas coisas cheias de calor.  
Mas abre os olhos e vê o sol,  
E já não pode pensar em nada,  
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos  
De todos os filósofos e de todos os poetas.  
A luz do sol não sabe o que faz  
E por isso não erra e é comum e boa.  
(Ibidem, p. 206-7)

Assim, com sua visão puramente objetiva, o mestre consegue ver “as cousas (...) todas diferentes umas das outras” (Ibidem, p.237). E isso vale mais que o pensamento de todos os filósofos e poetas que pensam, mas não sentem (“Quem está ao sol e fecha os olhos, / Começa a não saber o que é o sol”). Caeiro contempla a diversidade das coisas, a Natureza; afinal, o

poeta sabe: “Já não é a mesma hora, nem a mesma gente, nem nada igual. /Ser real é isto”  
(Ibidem, p. 231).

### 3- A OSMOSE SENSACÃO-PENSAMENTO EM ALBERTO CAEIRO E O DUALISMO DOS OUTROS HETERÔNIMOS

Sou o Descobridor da Natureza  
Sou o Argonauta das sensações verdadeiras  
Trago ao Universo um novo Universo  
Porque trago ao universo ele-próprio

Alberto Caeiro

#### Diferença em vez de oposição: porque Ver é pensar sem pe(n)sar

Sou fácil de definir  
Vi como um danado

Alberto Caeiro

A idéia de Leibniz é que o nosso mundo é o melhor, não porque seja regido pelo Bem, mas porque está apto a produzir e a receber o novo (...) E ainda mais, toda possibilidade do progresso em Leibniz repousa sobre a concepção barroca que ele tem da danação: é nas costas dos danados que aparece o melhor dos mundos possíveis, porque os danados renunciaram por sua própria conta ao progresso, e assim liberaram quantidades infinitas de “progressividade”

Gilles Deleuze

Alberto Caeiro é o “Descobridor da Natureza”, o “Argonauta das sensações verdadeiras”, ele viaja nas sensações e seus pensamentos “são todos sensações”:

Sou um guardador de rebanhos.  
O rebanho é os meus pensamentos  
**E os meus pensamentos são todos sensações** [grifo nosso]  
Penso com os olhos e com os ouvidos  
E com as mãos e com os pés  
E com o nariz e com a boca  
(PESSOA, 1999, p. 212)

Caeiro nos propõe uma nova forma de pensar: “Penso com os olhos e com os ouvidos/ E com as mãos e com os pés/ E com o nariz e com a boca”. Pensar com os sentidos, mas

sentidos ampliados, destituídos de significações prévias, de mistificações e de transcendentalismos. Claro que isso é bastante difícil, talvez como os outros heterônimos, só alcancemos isso em raros momentos na vida; porque muitas vezes acabamos caindo no regime das oposições categóricas.

Acontece com os outros heterônimos justamente isto: presos a um desejo de unidade, acreditam que há uma distância enorme entre eles e o mestre, e, vivem em angústia, crendo que lhes falta algo. Estão sempre divididos. Pessoa ortônimo por exemplo:

(...) o tema, recorrente em Pessoa ortônimo – também, mais tarde, em Campos –, [é o] da dor de pensar, de ser lúcido, de não conseguir ‘a alegre inconsciência’ da ceifeira e simultaneamente ‘a consciência disso’ – desejo impossível de realizar, já que ‘a ciência pesa tanto e a vida é tão breve’. (PAIS, 1999, p. 90)

Pessoa ortônimo fica dividido entre o pensamento e a sensação, entre a sua consciência e a inconsciência da pobre ceifeira que não pensa, mas sente (embora, diferentemente de Caeiro, não tenha consciência das suas sensações e esteja presa a uma única sensação). Em Pessoa, há uma cisão do que é osmose em Caeiro (pensamentos-sensações) e cada elemento vai para um dos componentes de um duplo: Pessoa fica com o pensamento e a ceifeira com a sensação. A osmose aparece como impossibilidade para Pessoa, visto que a “cisão não significa diferença, mas oposição” (GIL, s.d., p.46)

De acordo com Gil:

No mestre, a não separação do pensamento e das sensações (‘os meus pensamentos são todas sensações’) ocorre à escala microscópica; e não se pode concebê-la como unidade, nem como síntese, mas como *osmose*: a entidade caeiriana sensação pensamento não resultou da união de dois elementos, nasceu com ele, naturalmente, como próprio Caeiro que é o ser mais natural do mundo.

Pessoa, que se acredita incapaz de sentir e pensar, vive a dor da divisão por oposição: “E porquê tal impossibilidade? O poeta vai dizendo: É que ‘O que sente em mim ‘está pensando’ – o pensamento racional está na origem do ser incapaz de verdadeiramente de sentir (...)” (PAIS, 1999, p. 94). Para ele pensar e sentir é um desejo impossível de satisfazer. E assim, vive sob o regime da falta. Enquanto para Caeiro: “Basta existir para ser completo”.

Caeiro não fica preso a um EU dividido, um EU paralisado pelos impasses das oposições categóricas. Por isso, o mestre pode ser livre e desdobrar-se até o infinito num constante devir, por isso, vê as coisas como pela primeira vez, é o único que alcança o fora absoluto. O poeta das sensações verdadeiras é mesmo puro devir, exterior (“Ser real é não estar dentro de mim” (PESSOA, 1999, 241)), porque possui a neutralidade de quem compreende que conhece as coisas na superfície (“Porque sei que compreendo a natureza por fora” (Ibidem, p. 219)); e é intenso por sabê-las todas na sua singularidade. Como ele disse certa vez, segundo relato de Álvaro de Campos: “tudo é diferente de nós, e por isso é que tudo existe” (Ibidem, p. 248), e, ainda:

Toda a coisa que vemos, devemos vê-la sempre pela primeira, porque é realmente a primeira vez que a vemos. E então cada flor amarela é uma nova flor amarela, ainda que seja o que se chama a mesma de ontem. A gente não é já o mesmo nem a flor a mesma. O próprio amarelo não pode ser já o mesmo. (Ibidem, p. 248)

Por seu olhar aguçado, Caeiro consegue ver, pensar com os sentidos, possui uma nova forma de pensar que permite que seja completo. Com os sentidos, afirmando cada instante como ele é, na imanência, Caeiro pensa sem pen(s)ar. O mestre é o mestre, porque vive sob o regime da diferença ontológica, o que lhe permite ver tudo como pela primeira vez, sempre diferentes.

## CONCLUSÃO

Alberto Caeiro é o mestre por propor uma nova forma de pensamento, pensamentos-sensações, é o mestre por não se perder no dualismo baseado em oposições categóricas que produzem o impasse e o desassossego dos outros heterônimos. Em resumo, Caeiro é livre por não opor pensamento à sensação, nele essa relação se dá por osmose, os seus pensamentos são todos sensações; mas isso não quer dizer que sejam a mesma coisa, são diferentes, tudo é sempre diferente, no entanto, eles não se opõem.

Caeiro é livre e, com isso, libera os devires. Justifica-se o fato dos heterônimos devirem dele, de serem influenciados por ele e também criarem (apesar de retornarem a si, a um Eu paralisado). A formação dos heterônimos é heterogênea, surgem de multiplicidades

que convergem e criam blocos de sensações que podem se desdobrar até o infinito. Não há uma gênese, mas uma heterogênese. Todos os heterônimos poderiam continuar o processo e serem puros devir, mudar sempre. No entanto, só Caeiro leva tal projeto adiante.

Caeiro, livre, com seu olhar ampliado, sem os entraves da oposição, chega à superfície, sabe que só conhece as coisas por fora, sabe que lhe são exteriores, diferentes, singulares, que nada é igual “nem o amarelo das flores é o mesmo amarelo”. Por ver as coisas pela primeira vez, sempre diferentes, sem significações, alcança o fora, e tudo é sempre novo e singular. Em Caeiro há uma ontologia da diferença que lhe permite criar, ter o pasmo essencial, pensar sem pen(s)ar

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes primárias:

PESSOA, Fernando. *Obras poéticas*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, décima sétima reimpressão da 3ª ed., 1999.

### Fontes secundárias:

BERARDINELLI, Cleonice. *Fernando Pessoa: outra vez te revejo...* Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004.

BRUNO, Mário. *Escrita, literatura e filosofia: Derrida, Barthes, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Tradução de Alberto Campos. Biblioteca Básica de Filosofia. Lisboa: Edições 70, 1985.

\_\_\_\_\_. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Edições 34, 1992.

GIL, José. *Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.

\_\_\_\_\_. *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações*. Lisboa: Relógio D'Água, s.d.

PAIS, Amélia Pinto. *Para compreender Fernando Pessoa*. Porto: Areal, 1999.